

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito dos Projetos (Per)cursos da graduação em História: entre a iniciação científica e a conclusão de curso, referente ao EDITAL Nº 002/2017 PROGRAD/DIREN/UFU e *Entre a iniciação científica e a conclusão de curso: a produção monográfica dos Cursos de Graduação em História da UFU*. (PIBIC EM CNPq/UFU 2017-2018). (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

Ambos visam à digitalização, catalogação, disponibilização online e confecção de um catálogo temático das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

1636 S. 9(c)

RELAÇÃO DE MONOGRAFIAS DE 1988, (CURSO DE HISTÓRIA)

- A Ideologia disciplinar do Espaço Urbano: Os Hansenianos de Uberlândia.
Luiz Angelo de F. Fonseca.
- As comunidades Eclesiais de base no processo de Urbanização de Uberlândia.
Paulo Roberto de O. Santos.
- Associação de Moradores do conjunto habitacional Santa Luzia em Uberlândia
Rosa Maria de Oliveira
- Reivindicações populares das Associações dos bairros Jardim das Palmeiras e Tocantins.
Adilson Caetano da Silva.
- "Democracia Participativa", sua lógica e sua prática.
Cires Canísio Pereira.
- A questão ambiental no Contexto urbano de Uberlândia: 1980 a 1988.
Ednalúcia M. dos Santos.
- Urbanização e Sindicalismo em Uberlândia - 1979 a 1980.
Eliêne Girôldo.
- Urbanismo e meio ambiente. Conflito ou harmonia?
Miriam Alves das Santos.
- A Juventude dos movimentos Espiritualistas da Igreja Católica de Uberlândia - 1965 a 1984.
Wolney Honório Filho.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - DCH
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 - C. (Antigo Instituto)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.º
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. - BRASIL

PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA SANTOS

AS COMUNIDADES ECLESTIAIS DE BASE
NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE UBERLÂNDIA



UBERLÂNDIA

1988

PAULO ROBERTO DE OLIVEIRA SANTOS

AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE
NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE UBERLÂNDIA

Trabalho final da disciplina
na História do Brasil VII,
do Curso de História da
Universidade Federal de
Uberlândia, sob a orientação
do Professor Antônio
de Almeida.

UBERLÂNDIA

1988

I N T R O D U Ç Ã O

Ao longo dos anos 70, a cidade de Uberlândia conheceu um grande desenvolvimento. A cidade cresceu de forma rápida durante este período. Todo esse crescimento foi financiado pelos segmentos da sociedade interessados em modernizar as relações produtivas na cidade. É a partir desse momento - entendido como algo dinâmico - que as contradições das relações de trabalho começam a se tornar evidentes.

No período citado, o país estava submetido a um governo autoritário, onde os direitos mínimos não eram respeitados. Era um período onde as organizações populares estavam praticamente anuladas. Não era permitido qualquer tipo de contestação do modelo de sociedade em vigor. Aquelas pessoas ou as raras organizações que ousavam criticar o regime militar corriam sérios riscos de serem reprimidas. Repressão essa que, não raro, era brutal e sem qualquer cuidado de sutileza.

No caso de Uberlândia, havia uma alternância de governos municipais bastante comprometidos com o regime militar. Essa alternância se dava entre grupos políticos tradicionalmente rivais. Sob o ponto de vista da classe trabalhadora, não havia uma real opção contestadora no que diz respeito ao governo municipal. Os grupos políticos que se alternavam no poder não tinham nenhum compromisso sério com os trabalhadores. Eles estavam comprometidos com os interesses da burguesia local.

Sob o aspecto econômico, as contradições intrínsecas do capitalismo, a nível local, eram mantidas em um quase completo ocultamento. Aparentemente, o conflito capital versus trabalho, era inexistente em Uberlândia. O que se veiculava através dos meios oficiais de comunicação, era que esta era uma cidade de gente traba-

lhadora, onde a "crise" não havia chegado. E se todos continuassem a ser como eram - trabalhadores - ela jamais chegaria. Nesse tipo de afirmação ficava claro e evidente projeto burguês de desenvolvimento. Vale ressaltar que nesse projeto havia lugar para os trabalhadores: o de trabalhar incansavelmente.

É preciso dizer que essa ideologia proguressista continuou a ser veiculada durante os anos 80. Apesar do fato de que já não é mais possível manter as contradições do capitalismo camufladas a burguesia local ainda continua a se esforçar pela manutenção de seu projeto desenvolvimentista. Procura-se criar a idéia de que Uberlândia está conseguindo resolver os problemas sociais através do incentivo a uma "prática capitalista mais humana".

O governo municipal atual tem se esforçado para garantir esse novo modelo de organização (econômico-social).

É no contexto das lutas populares que, a partir da década de 60, aparecem por todo o Brasil pequenas comunidades ligadas à Igreja Católica. Essas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), têm atuado como potenciais focos de resistência à dominação capitalista no Brasil. São essas comunidades, devidamente contextualizadas, que serão o objetivo de análise desse trabalho.

O que se pretende analisar e compreender é a própria dinâmica que mantém a vitalidade das Comunidades Eclesiais de Base.

O que se procurou descobrir é se corresponde a verdade a afirmação de que o elemento motivador das CEBs é a Fé. Seria importante descobrir se esse "jargão" não é uma assertiva de caráter ideológico que serve enormemente a dominação por parte da instituição eclesiástica.

A partir da atuação das CEBs no processo de enfrentamento do poder público - principalmente municipal - nas questões ligadas ao projeto de desenvolvimento urbano de Uberlândia e principalmente nas suas relações com o poder eclesial, parece ser possível perceber em que medida o elemento religioso atuou de maneira decisiva. Seria interessante descobrir em que medida teria sido a Fé a responsável pela atuação dos membros das comunidades nas lutas por melhores condições de vida.

O corte temporal, assumido aqui, compreende o período de

1978 até os dias de hoje.

A pesquisa realizou-se a partir da procura de elementos de caráter ideológico que sejam capazes de revelar o perfil das CEBs. Esse método parece ser bastante adequado para se conseguir descobrir em que se fundamenta a atuação das CEBs no campo político social e econômico. Só a partir dessa compreensão é que os fatos, em piricamente percebidos poderão ser compreendidos em sua real significação. Essa pesquisa quer buscar nas "entrelinhas" das lutas das CEBs a sua postura ideológica, que por sua vez ajudará a compreender o porque de tal modalidade de atuação.

Para se conseguir tal intento foram seguidos alguns passos na busca de uma análise explicativa do problema.

As reflexões são iniciadas em uma abordagem da visão da hierarquia católica sobre as CEBs. São apresentadas algumas assertivas sobre as CEBs tiradas do Documento das conclusões da III conferência do Episcopado Latino-Americano onde fica evidenciado o caráter oficial do discurso dos bispos. Eles se arvoram em únicos porta-vozes com competência para falar das CEBs.

No segundo tópico é apresentado um pouco do histórico das CEBs e também suas localizações geográficas no Brasil. Questões do tipo: onde começaram? quando apareceram? onde atuam? como tem sido esta atuação? entre outras, são abordadas com base numa literatura já existente há alguns anos.

A seguir a análise passa a ser desenvolvida tendo em vista a atuação das CEBs na cidade de Uberlândia. Após um pequeno mapeamento local, são abordadas as seguintes perspectivas:

1) As CEBs frente ao poder público, onde se procura descobrir a partir da recuperação da "memória viva das CEBs", qual a postura frente ao poder público, tanto na administração Virgílio Galassi, como na de Zaire Rezende;

2) As CEBs e a sua relação com a instituição eclesial, onde se procura clarear as relações da hierarquia católica local com as mesmas e como essas comunidades se posicionam frente à tentativa de controle de suas ações por parte da hierarquia eclesial.

Concluindo, é forçoso dizer que as dificuldades de se conseguir material de pesquisa a nível local, se mostraram muito gran

des. Foi possível perceber que as Comunidades Eclesiais de Base, em Uberlândia, não têm grandes preocupações com o registro e conservação de sua história. O que foi conseguido, a nível local, refere-se a um farto material produzido a partir das 3 Assembléias Diocesanas que trazem um pouco da atuação e a postura dessas pequenas comunidades.

As demais fontes que serão utilizadas serão os documentos elaborados pelas comunidades; os documentos oficiais da Igreja local e a bibliografia que trata do assunto a nível nacional; assim como depoimentos de membros das CEBs.

AS CEBs: SUAS ATUAÇÕES E SUAS RELAÇÕES
COM OS PODERES PÚBLICO E ECLESIASTICO

AS CEBs VISTAS PELA INSTITUIÇÃO ECLESIAL: O "DISCURSO COMPETENTE".

É fato inquestionável que, nos últimos anos, a Igreja Católica (enquanto instituição) tem passado por profundas transformações. Via de regra, essas transformações têm sido mais nítidas na sua conduta ou postura pastoral. Sobretudo, mudou-se a visão que a Igreja tem sobre a sociedade moderna.

As referidas mudanças tomaram vulto, principalmente após o Concílio Vaticano II que se realizou em Roma entre os anos de 1962 e 1965. Desse encontro entre os dirigentes da Igreja em todo o mundo, surgiram documentos que modificaram profundamente a prática pastoral da Igreja. Vale ressaltar entre eles a constituição chamada Gaudium et Spes, que inicia exatamente afirmando que "as esperanças, as angústias, as alegrias e os sofrimentos do mundo são as esperanças, as angústias, as alegrias e os sofrimentos da Igreja". Iniciava-se, assim, um novo tempo para uma instituição que até então via o mundo exterior, como algo a ser "depurado" por ela. Inaugurou-se um período em que a Igreja se vê inserida na complexidade da sociedade moderna e se esforça por contribuir na sua transformação a partir da sua atuação dentro do mundo.

Foi no rastro dessa mudança que o episcopado latino-americano - principalmente após o encontro em Medellin, na Colômbia, no ano de 1968 - passou a valorizar uma prática pastoral mais voltada para um compromisso com as necessidades concretas do homem latino-americano, historicamente subjugado pela opressão capitalista.

A partir desse momento, a instituição eclesial - pelo me-

nos em parte - começa a se engajar na luta contra a miséria e a opressão a que está submetida a imensa maioria dos latino-americanos. Começa-se a elaborar uma nova teologia, mais adequada à realidade de pobreza e dominação do continente latino-americano: a Teologia da Libertação. Grandes estudiosos começam a mostrar de forma sistematizada a necessidade do compromisso social como fidelidade à doutrina cristã. Inicia-se a prática da denúncia daquilo que contraria uma ética cristã de valores, naquilo que se refere à dignidade da pessoa humana.

Nesse período, estavam surgindo em toda a América Latina, mas principalmente no Brasil, pequenas comunidades ligadas à Igreja que se propunham a ser instrumentos de melhoria da qualidade de vida da imensa maioria pobre do continente latino-americano. São as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que nasceram dos anseios das classes sociais dominadas e que partilhavam a mesma experiência religiosa.

É imbuída dessa ótica, revestida de algumas novidades que a hierarquia católica passa a reconhecer nas CEBs, um elemento de fundamental importância na nova postura pastoral que se quer assumir. Os bispos começam a descobrir o potencial das CEBs, no sentido de transformar a sociedade latino-americana, em algo que permita às pessoas a viverem de uma forma mais digna e mais humana. Eles começam a perceber que as CEBs têm um grande potencial de denúncia das injustiças praticadas contra os marginalizados da sociedade, e de anúncio de um novo estilo de vida em comunidade.

No documento que contém as conclusões da III conferência do Episcopado Latino-Americano, realizada nos primeiros meses do ano de 1979, na cidade de Puebla no México, são dedicadas várias linhas à reflexão sobre o papel das CEBs no seio da Igreja Latino-Americana:

"Está comprovado que as pequenas comunidades, sobretudo as Comunidades Eclesiais de Base, criam maior inter-relacionamento pessoal, aceitação da Palavra de Deus, revisão de vida e reflexão sobre a realidade, à luz do Evangelho; nelas acentua-se o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local" (Conselho Episcopal Latino-Americano III Conferência do Episcopado Latino-Americano - A Evangelização no Presente e no Fu

7
turo da América Latina. Ed. Loyola, S.P. 1979, pág. 223).

E ainda:

"A Comunidade Eclesial de Base, enquanto comunidade, integra famílias, adultos e jovens, numa íntima relação interpessoal na fé. Enquanto eclesial, é comunidade de fé, esperança e caridade; celebra a Palavra de Deus e se nutre da Eucaristia, ponto culminante de todos os sacramentos; realiza a Palavra de Deus na vida, através da solidariedade e compromisso com o mandamento novo do Senhor e torna presente e atuante a missão eclesial e a comunhão visível com os legítimos pastores, por intermédio do ministério de coordenadores aprovados. É de base por ser constituída de poucos membros, em forma permanente e à guisa de célula da grande comunidade". (Conselho Episcopal Latino-Americano, III Conferência do Episcopado Latino Americano - A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina. Ed. Loyola, S.P. 1979, página 225).

Desse discurso oficial, alguns pontos valem a pena serem evidenciados:

a) A hierarquia - ou parte dela - vê com bons olhos a presença das CEBs. Falam das Comunidades Eclesiais de Base como Elemento dinamizador da Evangelização na América Latina. As CEBs são referidas como núcleos potenciais de disseminação da Fé cristã. São apresentadas como células sociais que, a partir da experiência da Fé, estão ensaiando uma prática salutar de convivência;

b) As CEBs são apresentadas como grupos radicalmente vinculadas às questões da Fé. A sua característica de comunidade é vista como algo que gira em torno da questão da Fé. É a partir da Fé que as CEBs são reconhecidas pela hierarquia católica. Elas são vistas como grupos de pessoas que se reúnem, se encontram por causa da Fé que os une. Para os bispos, é a Fé o elemento motivador da vida e da dinâmica das CEBs;

c) Essas pequenas comunidades são reconhecidas como grupos vinculados de maneira orgânica à estrutura eclesial. Por isso, são vistas como comunidades eclesiais. Porque ligadas pelos laços da comunhão eclesial aos pastores legítimos, as CEBs são reconhecidas como parte integrante e atuante no corpo da Igreja.

d) Quando os bispos reconhecem as CEBs como sendo de base, eles pensam a partir do eixo teológico-ecclesiástico. Não é possí-

vel perceber nesse discurso nenhuma alusão à sociedade latina-americana, que por estar sob a dominação do capitalismo, interna e externamente, é piramidal. Em momento algum se percebe nesse discurso qualquer alusão a uma análise de conteúdo sociológico.

Em resumo, os bispos reunidos em Puebla, viram as CEBs de maneira positiva porque elas trazem consigo a marca da Fé como elemento que dá todas as diretrizes para todas as situações a serem enfrentadas por elas. Isso, para eles, é o elemento que lhes daria a garantia que os "perigosos desvios" seriam evitados. A Fé funciona como uma "identidade" das CEBs perante a hierarquia.

AS CEBs NO BRASIL

Segundo Frei Leonardo Boff, existiam no início da presente década, por volta de 70.000 comunidades eclesiais de base. (BOFF, Leonardo. Igreja Carisma e Poder. Vozes, Petrópolis, 1982). No que se refere às suas origens, os especialistas não tem uma definição clara sobre quando e onde começaram a ser constituídas Comunidades Eclesiais de Base no Brasil.

O que na verdade se sabe é que as CEBs, no Brasil, puderam ser percebidas a partir da década de 60. Elas, ao que parece, surgiram primeiramente na Grande São Paulo. (CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira e outros. Comunidades Eclesiais de Base. In SINGER, Paul e outros, São Paulo: O Povo em Movimento. Vozes/Petrópolis, 1980). Apesar de essa ser uma afirmação um tanto quanto difícil, as evidências apontam nesse sentido. Essas dificuldades existem por causa da forma peculiar de organização das CEBs, onde o registro sistemático dos fatos referentes ao grupo não tem sido um fato muito comum.

Mas o que se sabe a respeito das CEBs, é que elas desempenham um papel fundamental no processo de organização social depois do golpe militar de 1964. Isso devido às questões seguintes:

- As CEBs conseguiram criar uma nova modalidade de convivência grupal. As pessoas que ali se encontram não estão interessadas apenas na busca de soluções para problemas pessoais/individuais. Pelo contrário o que se percebe é que as CEBs através de setores mais avançados, têm se conduzido como grandes agentes de transformação da sociedade no seu aspecto estrutural. São inúmeros os

registros do envolvimento das CEBs em questões de conflitos sociais. É notável sua participação em prol da defesa da dignidade humana. Por serem, em sua grande maioria, grupos ligados à problemática da urbanização, as CEBs têm para contar, muitas histórias de enfrentamento com o poder público. São inúmeros os conflitos pela ocupação de solo urbano em que as CEBs têm estado envolvidas.

- O outro ponto a ser analisado é aquele que se liga ao fato das CEBs serem grupos ligados de maneira orgânica à Igreja Católica. Essa sua condição lhe deu, principalmente no período de ditadura militar mais acirrada, uma certa mobilidade. Embora membros das CEBs, ~~tenham~~ sofrido perseguições, torturas e assassinatos durante parte desse período, elas foram quase que os únicos grupos de acentuada oposição ao regime, que estiveram fora do alcance do poder dos comandantes militares e seus assecclas. A instituição eclesial, ao reconhecer as CEBs como elemento intimamente ligado à sua estrutura, possibilitou um respaldo à elas que se mostrou extremamente salutar e, em certos momentos críticos, chegou a ser garantia de sobrevivência para muitas pessoas.

Por causa desse fator, as CEBs foram praticamente o único espaço onde era possível a atuação político-social. Diversos militantes de outros grupos, alguns inclusive contrários a qualquer manifestação religiosa, ocuparam espaços nas CEBs, por causa da perseguição sistemática promovida pelos aparelhos repressores do Estado autoritário e também para não perder sua vinculação com classes populares, já que em outros espaços a militância praticamente nao era mais possível.

AS CEBs EM UBERLÂNDIA

Como já foi dito, é muito difícil delimitar com absoluta certeza, quando e onde surgiram as CEBs. Se essa delimitação já é difícil em termos nacionais, ela o é muito mais a nível de cidade de Uberlândia. Isso porque - como reconhecem os próprios membros das CEBs a nível local - a organização das Comunidades Eclesiais de Base na cidade ainda é precária e incipiente. Segundo afirmação de um membro da comissão dirigente - ou de animação, como preferem ser chamados - a estrutura de organização das CEBs em Uberlândia ainda

é algo bastante novo.

A partir da recuperação da memória de pessoas que, de uma forma ou de outra, têm estado envolvidos com as CEBs, foi possível perceber que, as primeiras comunidades surgiram no final da década de 70, localizadas principalmente em áreas periféricas da Paróquia do Bom Jesus, nos bairros Roosevelt, Marta Helena, Industrial, ou seja, em locais que têm permanecido sob a influência dos Padres Oblatos de Maria Imaculada.

No início da década de 80, já era possível detectar a presença de Comunidades Eclesiais de Base em outras localidades como: Conjunto Luizote de Freitas, Bairro Daniel Fonseca, Bairro Jaraguá Jardim das Palmeiras, se estendendo essa presença pelos Bairros São José, Jardim Brasília, etc. Vale ressaltar que é extremamente difícil detectar, com precisão a presença de CEBs nesse ou naquele lugar. Em alguns bairros essa presença é bastante clara e facilmente perceptível, noutros isso já não é assim tão evidente. É bastante comum, a presença e atuação das CEBs se misturar com o trabalho de outros grupos de característica pastoral, tais como: Comissão Pastoral da Terra e Pastoral Operária. Não raro, é difícil distinguir qual grupo é que está atuando.

O que foi possível detectar é que quando começaram a surgir pequenas comunidades eclesiais de base em Uberlândia, a Prefeitura Municipal estava nas mãos do Sr. Virgílio Galassi, ligado ao Partido Democrático Social, o PDS, apoiado pelos grandes industriais e comerciantes e ligado de maneira bastante acentuada ao setor da grande agropecuária.

Essa administração foi marcada por um grande fomento ao desenvolvimento, principalmente industrial. Foi um período em que Uberlândia passou a ter uma grande importância como grande centro de produção e comercialização de mercadorias.

Nesse período, a cidade cresceu de uma forma bastante acelerada. A cidade atingiu parte de uma pequena metrópole. Em decorrência desse fato, áreas até então desocupadas começaram a ser loteadas, principalmente tendo como finalidade a construção de inúmeros conjuntos habitacionais, numa tentativa demagógica de acolher a enorme quantidade de trabalhadores que accorriam a Uberlândia para vender sua força de trabalho aos setores empresariais que haviam tomado a si a tarefa de modernizar a cidade e desenvolvê-la.

Mas, como tem acontecido sempre, quando chega uma grande quantidade de pessoas vindas sobretudo do campo, para trabalhar nas cidades, todos os projetos de oferecimento de moradias tem se mostrado ineficientes, o favelamento vem se mostrando como a única saída para aqueles que acabam formando o excedente da oferta de mão-de-obra.

A medida que as favelas iam ficando em áreas já cercadas por grande contingente populacional, a administração pública tratava de deslocar os favelados para fora daqueles lugares. Foi nesse contexto que as comunidades de base ligadas à Igreja Católica, que a partir de 1978 já contava com o apoio de um bispo mais progressista, partiu para o enfrentamento do poder público.

Já em 1978 aconteceu um episódio que, ainda hoje, está marcado na memória de pessoas ligadas às comunidades eclesiais de base. A administração municipal, resolveu retirar das imediações dos trilhos da Fepasa, no bairro Roosevelt, próximo ao conjunto Santa Rosa, inúmeras famílias de favelados que ali se encontravam já há bastante tempo. Houve resistência e o poder público resolveu agir com extrema violência, chegando à truculência. Foi graças a atuação da comunidade eclesial que não houve, naquele lugar, uma verdadeira chacina. Os tratores que estavam prontos a derrubar os barracos só foram detidos porque membros da Igreja Católica se postaram à sua frente. Com receio de criar maiores problemas com a poderosa instituição eclesial, o poder público recuou e procurou uma solução negociada. Negociação esta, onde a presença dos membros da comunidade eclesial, foi um elemento que propiciou aos favelados, uma solução para a questão de suas moradias, um pouco mais digna do que aquela da qual a Prefeitura estava anteriormente imbuída.

Com relação a administração municipal atual a posição das CEBs é a seguinte:

"- Mudanças mais importantes no nosso mundo:

. Âmbito Municipal:

- . foi positivo e negativo ao mesmo tempo, porque o povo passa a participar do governo de uma maneira não muito certa, mas o povo começa a ver o que é participar de um governo." (Texto mimeografado elaborado pela coordenação das CEBs para contribuir na preparação da Assembléia Diocesana de 1987).

Como é possível perceber a posição das CEBs frente a "Democracia Participativa" é um tanto quanto indefinida e ambígua. O que dá para perceber é que as CEBs reconhecem o valor da participação nas decisões que envolvam os destinos da sociedade. Mas ao mesmo tempo, é ressaltada a necessidade de se resguardar dos perigos da cooptação. Para as CEBs, é salutar participar do governo municipal, mas desde que seja de maneira efetiva, e não para servir como instrumento de manobra.

No que diz respeito a sua relação com a instituição eclesial, as dificuldades são ainda maiores.

Como grupos que estão ligados de forma bastante acentuada com a Igreja Católica, as CEBs não tem conseguido fugir a algum tipo de relação com ela.

No que se refere à maneira pela qual a hierarquia eclesástica local vê as Comunidades Eclesiais de Base, a postura é basicamente a mesma do Documento sobre as conclusões da Conferência de Puebla, ou seja, a conduta é pautada por efusivas manifestações de acolhimento e incentivo.

Acolhe-se as CEBs como grupo que dá nova dimensão à problemática da Fé engajada em autênticos compromissos sociais. Incentiva-se as CEBs enquanto elementos que querem ser "uma maneira nova de ser Igreja". Enquanto grupos que devem vir para dar uma nova aparência à Igreja, que irão rejuvenescer a Igreja.

Quando a hierarquia reconhece as CEBs como uma manifestação positiva no seio da Igreja, a hierarquia faz questão de vincular a atuação delas à questão da Fé. Isso evidencia uma tentativa de manter essas comunidades sob o severo controle do poder eclesial. Esse fato se dá porque a hierarquia se autoproclama defensora perpétua dos depósitos da Fé. Ora, se a Fé é questão que está sob sua suprema e inapelável jurisdição, a hierarquia católica se acha com competência para falar sobre as CEBs, e mais ainda, para interferir nelas se se sentir que há perigo iminente delas se enveredarem por "perigosos desvios". Essa atitude evidencia o fato de que os hierarcas aceitam tudo, menos perder o seu poder. Aceitam tão somente suavizar a dominação; abrir mão dela, jamais! Fato ilustrativo disso é que quando Frei Leonardo Boff falou em uma verdadeira e

necessária transformação da Igreja, em uma eclesiogênese, no livro Igreja, Carisma e Poder, assim como em outros, a sua punição foi um humilhante "silêncio obsequioso". Fato digno de nota é que ele afirmava serem as CEBs os instrumentos dessa transformação: "as Comunidades Eclesiais de Base estão reinventando a Igreja". Acolhimento sim, mas desde que as CEBs se submetam ao poder instituído.

Naquilo que diz respeito à forma como as CEBs se relacionam com a Instituição Eclesial, alguns pontos, serão aqui levantados, tomando-se por base a documentação existente sobre as 3 Assembléias Diocesanas: a de 1983, 1985 e 1987; bem como o material utilizado na preparação das mesmas.

Logo na primeira assembléia, as CEBs aparecem como uma das prioridades da prática pastoral da Diocese a partir daquele momento.

Na assembléia de 1985, a segunda portanto, as CEBs foram transformadas, por motivação de seus representantes, em "prioridade maior da Diocese de Uberlândia". Foi também decidido que em uma mini-Assembléia, que seria realizada em 1986, como preparação da Assembléia de 1987, seria definido o assunto a ser discutido nessa última. Ficou definida que as CEBs seriam o tema da Assembléia de 1987. Elas seriam o eixo em cima do qual girariam as discussões. Vale ressaltar que elas foram em grande parte responsáveis por essa escolha.

O que se pode perceber, não só através das conclusões escritas da Assembléia de 1987, mas também através de uma observação pessoal que foi possível realizar naquele momento, o tema das CEBs gerou um grande mal-estar. O que ficou evidente é que os componentes da Assembléia não sabiam o que fazer com esse tema. Ficou claro, naquele momento que as CEBs eram algo como que estranho ao corpo da Igreja. Como sempre acontece em momentos como esses, as soluções apresentadas são meros paliativos.

Ao ler o relatório que essa Assembléia Diocesana produziu, o observador certamente estranhará o fato de que ao tema da discussão - CEBs - foram reservadas poucas palavras. Dito de outra forma a Igreja não soube o que fazer com as CEBs.

É instigante o fato de as CEBs lutarem para ser tema de

uma Assembléia Diocesana. Sem dúvida, o que queriam os seus representantes era o reconhecimento de sua importância por parte da totalidade da Diocese.

O que não se pode esquecer é que a instituição eclesial cobra um preço por esse reconhecimento. No caso das CEBs, o preço tem sido a ingerência nas questões que deveriam ser tratadas com liberdade por essas comunidades. A Igreja se utiliza de sua autoridade em questões de Fé para dominar as CEBs.

Quando se lê os relatórios onde a atuação das CEBs é evidenciada, o que se consegue perceber é que elas estão muito mais motivadas pela ação concreta do que pela Fé. A Fé é fundamental na dinâmica do grupo, mas atua como elemento que ajuda a clarear e entender as lutas concretas do dia-a-dia. Em nenhum momento aparece como elemento que informa e motiva a atuação concreta.

O que seria de se esperar das CEBs é uma grande autonomia frente ao poder eclesial. Isso porque elas estão inseridas na realidade social que é extremamente dinâmica e que não pode ser enquadrada em qualquer tipo de esquema já pronto e acabado. Das CEBs, por causa dessa atuação concreta, seria de se esperar um profundo e constante questionamento da própria expressão e manifestação da Fé. Essas pequenas comunidades, como elas mesmas se auto-proclamam - uma nova maneira de ser Igreja - tem muito a ensinar a Igreja institucional, que por sua vez deveria estar aberta a aceitar esse aprendizado.

As CEBs se vêem diante de uma situação bastante paradoxal. Se por um lado existe sua atuação no contexto da sociedade atual, que requer a todo momento uma constante renovação de posturas frente a realidade do dia-a-dia, por outro lado existe a relação com a instituição eclesial que procura a cada momento enquadrar as CEBs dentro de esquemas milenarmente fechados.

Essas comunidades vivem em constante conflito. Ou eles se aproximam, cada vez mais, de prática libertárias bastante revolucionárias, que são constantemente requeridas pela sua inserção nos meios populares, ou se dobram aos reclamos da hierarquia eclesiástica que, por sua vez, condena muitas daquelas práticas dos movimentos populares.

Infelizmente o que se percebe é que nem a hierarquia cató-¹⁵lica está disposta a passar por essa renovação, e nem as CEBs estão dispostas a lutar e garantir sua autonomia frente ao "poder sagrado" da Igreja. É por causa de atitudes como essas, que, o que se tem visto na relação das CEBs com a instituição eclesial, são bonitas palavras de boa intenção, de um lado e de outro. Apenas uma grande verborreia estéril!

C O N S I D E R A Ç Õ E S F I N A I S

O cristianismo nasceu da organização de homens que pretendiam viver de forma mais fraterna. Buscavam uma vida de semelhantes, onde todos podiam se "encontrar" com o outro.

Aos poucos aquela cultura extremamente revolucionária foi se amoldando aos ditames do poder. Com o capitalismo, as mudanças foram bruscas. Hoje o que se pode ver é uma forma de vida fundamentada em valores religiosos, não se sabe tirados de onde, que contribuem de forma intensa para a manutenção do "status quo". Aquilo que no princípio era revolucionário tornou-se reacionário. Ao contrário do que havia nas suas origens - vitalidade, novidade -, o que se vê, nos dias de hoje, no Cristianismo, são atitudes como: obediência, respeito, tradicionalismo, subserviência.

Em lugar da comunidade - ponto-de-encontro, criou-se a platéia. Os cristãos tornaram-se meros expectadores de rituais executados por pessoas especialmente "escolhidas" para aquela função. Criou-se a idéia de que alguns são competentes para o exercício das sagradas funções, outros não. A vontade de exercer o poder sobre os outros, levou o cristianismo a perder toda a sua vitalidade.

O exercício do poder reclama a criação de toda uma construção ideológica, capaz de justificá-lo. Alguns "eleitos", procuram transformar a simbologia cristã - que na sua essência representam a recuperação da memória subversiva daquele que não se dobrou diante da dominação judaico-romana de seu tempo - em atraentes mercadorias que têm servido para perpetuar no poder aqueles que já o têm. Aqueles que porventura se rebelarem, são convidados a tomarem a seguinte decisão: "ame-o ou deixe-o".

As CEBs se propõem a ser uma nova maneira de ser Igreja. Os

seus membros afirmam que estão construindo uma nova experiência de vida comunitária. Uma experiência que seria capaz de renovar a face da Igreja. No entanto o que se percebe é que dirigentes dessas comunidades, ao apontarem a Fé como o seu elemento legitimador, estão dando uma enorme contribuição para que a dominação eclesial se perpetue.

Dentro das CEBs se vive uma tremenda contradição. Por causa de sua inserção na realidade dos movimentos populares elas são incessantemente questionadas no que se refere aos seus esquemas de ação.

A Igreja por seu turno possui uma atuação bastante inflexível. Não tem sido muito comum ela se deixar questionar pela realidade social.

Como tentativa de superação desse conflito, os membros das CEBs, poderiam seguir dois caminhos. O primeiro seria o da subserviência à dominação do poder da Igreja. O outro seria aquele que conduziria inevitavelmente ao confronto.

É fato conhecido de que a hierarquia católica se utiliza de seu poder para fazer calar qualquer tentativa de enfrentamento. Quando eles se auto-proclamam como legítimos porta-vozes das CEBs, ou seja, quando eles se acham como os únicos com direito a caracterizar essas comunidades, eles estão simplesmente exercendo o seu secular poder. Se são eles que sabem o que são CEBs, eles tem o poder sobre elas.

No momento em que, questionadas e impulsionadas pela sua atuação nos meios populares, as Comunidades Eclesiais de Base proclamam que são muito mais do que a hierarquia diz que elas são, o confronto é certo. A Igreja, como qualquer instância de dominação, não aceita perder o seu poder.

Freud lançou uma revolucionária teoria psicanalítica e logo o que se viu foi o seu enclausuramento dentro das quatro paredes de uma clínica. Isso acabou com a força revolucionária de sua teoria sobre o comportamento humano.

Marx desvelou a sociedade capitalista, deixando à mostra toda a sua truculência. Os dominantes trataram logo de enclausurá-lo. Escolheram a academia e confinaram todo o potencial de seu pensa-

mento econômico-social-político dentro das paredes inexpressivas daquela instituição.

A Igreja vem tentando abafar as CEBs dentro das paredes mofadas e gastas de sua milenar dominação. Os dirigentes das CEBs não têm conseguido superar a contradição entre a sua realidade quotidiana e o poder eclesial. Essa é uma decisão que vem sendo protelada há muito tempo, mas que logo deverá ser encarada. A inserção das CEBs nos meios populares tem apontado no sentido da necessária superação desse paradoxo.

B I B L I O G R A F I A

- BETO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. Brasiliense, S.P. 1981.
- BOFF, Clodovis. Comunidades Eclesiais de Base e Práticas de Libertação. Vozes, Petrópolis-RJ, s/d.
- _____. Teologia Pé-no-chão. Vozes, Petrópolis-RJ, 1984.
- BOFF, Leonardo. Igreja: Carisma e Poder. Vozes, Petrópolis-RJ, 1982.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira e outros. Comunidades Eclesiais de Base. In SINGER, Paul e outros. São Paulo: O Povo em Movimento. Vozes, Petrópolis-RJ, 1980.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. III Conferência do Episcopado Latino-Americano - Puebla - Conclusões - A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Ed. Loyola, S.P. 1979.
- Textos mimeografados elaborados em preparação das Assembléias da Diocese de Uberlândia dos anos de 1983, 1985, 1987.